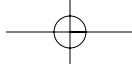


O CABELO ENTRANÇADO¹

Os homens de armas da jovem e sábia rainha Dectira², e do velho e ridículo rei Lua, tinham aceso fogueiras desde a montanha de Gulben³ até ao mar e destacado guardas para cada fogueira; e construído, junto ao lugar onde antes se erguia o Forte dos Cegos⁴, uma grande casa para se reunirem, com uma vedação de caniços cobertos de peles, e habitações mais pequenas para dormirem; e tinham cavado em volta um fundo fosso; e sentavam-se agora na grande casa, aguardando o ataque de certas tribos do Povo do Saco⁵ vindas do Sul. Escutavam o bardo Aodh, que lhes contava uma história das batalhas de Heber e Heremon⁶. A história estava escrita em tabuinhas que Aodh desdobrava diante de si como um leque, segurando-as sobre o eixo de bronze e pousando-as apenas quando apanhava do chão a harpa de cinco cordas⁷, entoando, com vivacidade e gestos veementes, uma das muitas canções entretecidas na imensa tapeçaria do ciclo lendário. Embora se tratasse de um famoso menestrel, que se proclamava descendente do bardo por quem as tribos de Heber e Heremon lançaram sortes no início do mundo, o rei velho e ridículo não o ouvia, de cabeça pousada sobre o pilar central, ressonando aos soluços num sono toldado de vinho; mas a jovem rainha sentava-se entre as suas damas, direita e quieta como um cí-

rio branco, e escutava como se não houvesse outro conto no mundo senão o conto de Aodh, pois que o encanto da sua voz embargada de sonho lhe ressoava nos ouvidos, e o encanto da sua história ébria de sonho lhe inflamava o espírito: ele que vivia ora nos fortes reais, ora na grande floresta; que, apesar dos cabelos brancos enrolando-se prematuros na barba escura, se agitava bruscamente de amor e raiva; que, conforme à sua disposição, descrevia um homem pálido de medo e logo a seguir ilustrava a extrema coragem de um homem contra muitos; e que, acima de tudo, se sentava continuamente ao lado da jovem e sábia rainha, contando saques e batalhas, para encorajar os seus homens de armas cansados da guerra, ou entoando histórias e canções que escondiam destinos mais doces unicamente para os seus ouvidos, ou, mais vezes ainda, ouvindo em silêncio o roçar do seu vestido.

Cantava agora o ódio e não o amor, pois era necessário encher os corações dos soldados da rainha com sede de combate para que os dias dela fossem mais serenos; todavia, por todo o conto pairava uma melancólica beleza que não era de guerra, e de quando em vez ele comparava o brilho de uma espada ao lampejo dos olhos dela; ou a aurora rompendo numa manhã vitoriosa ao vislumbre dos seus seios. Desenrolando a história e as canções como espuma sobre as ondas, cobria com uma maré de fogo os homens de armas, e os trechos vigorosos faziam-nos bater com as espadas nos escudos e gritar clamorosas interjeições de entusiasmo. Por fim, terminou o conto com um cântico de triunfo sobre carros de batalha cheios de vestes ricas e ornamentos de ouro e prata, e jovens raparigas e rapazes com correntes de bronze nos tornozelos; e os homens gritaram e bateram com as espadas nos escudos por muito tempo. A rainha permaneceu imóvel por momentos e, depois, recostou-se na cadeira cujo espaldar de madeira trabalhada lhe atirou sobre a face uma trança negra. Soltando um longo e inexplicável suspiro, enrolou a trança na nuca e prendeu-a com um alfinete de



ouro. Aodh contemplou-a, com o fogo furioso morrendo-lhe nos olhos, e começou a murmurar qualquer coisa para si mesmo e, então, apanhando do chão a harpa, pôs-se diante dela com um joelho por terra e tangeu as cordas delicadamente. Todos os entusiastas se calaram, pois viram que ele ia louvar a rainha, como costumava quando acabava os seus contos; e no silêncio dedilhou três notas, suaves e tristes como se fossem pombas arrulhando sobre as Portas da Morte.

Antes de começar a canção, a porta do salão que dava para a rua abriu-se de par em par e um homem entrou de rompante, com o rosto corado de correr, gritando:

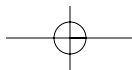
— As tribos de corpos ignóbeis e barbas ralas escorraçaram-nos das fogueiras e mataram muitos!

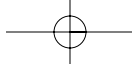
Mal tinha acabado de dizer tais palavras quando um dos homens de armas se precipitou contra ele, fazendo-o rodopiar de ao pé da porta, e aquele homem foi seguido por outro e outro e outro, até o guarda se vir no meio do salão, enlameado e afogueado, entre homens que despejavam vinho para chifres da grande horda de pedra que ali se encontrava, e desprestavam da parede e dos pilares os elmos de bronze e os escudos e as espadas, todos praguejando contra as tribos do Povo do Saco. Os que estavam de roda da rainha desprestavam também das paredes e dos pilares os elmos de bronze e os escudos e as espadas: mas a rainha deteve-se ali direita e imóvel; e Aodh, diante dela com um joelho por terra e a cabeça baixa, tocava devagar a harpa de cinco cordas como que meio mergulhado num sono de druidas.

Por fim, levantou-se suspirando; e preparava-se para se juntar ao grupo dos homens de armas quando a rainha se debruçou e, tomando-lhe a mão, disse em voz baixa:

— Oh Aodh, tendes de prometer-me que cantareis esta canção antes de ser manhã, quer os derrotemos a eles quer eles nos derrotem a nós.

Ele voltou-se, de rosto pálido, e respondeu:





— Guardo duas singelas estrofes no coração, duas gotas na minha horda, e juro por Red Swineherd⁸ que as hei-de verter antes da manhã diante da Rosa do meu Desejo, do Lírio da minha Paz, quer esteja vivo ou junto de Orchil⁹ e dos seus diáfanos súbditos.

Retirou então do pilar o seu escudo de couro e verga, e o seu elmo e espada de bronze, e juntou-se à multidão que saiu em brados pela grande porta; e mais ninguém ficou no salão além da rainha e das suas damas e do rei ridículo, ainda a dormir com a cabeça contra o pilar.

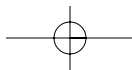
Pouco depois, ouviram o tilintar distante do bronze contra o bronze, e a pancada seca do bronze contra o couro, e os gritos dos homens e tudo isto por muito tempo até sobrevir o silêncio. Quando se abateu a pesada calma, a rainha pousou a harpa de cinco cordas entre os joelhos e começou a dedilhar ao acaso, murmurando vagas palavras das canções de amor de Aodh; e assim permaneceu até cerca de duas horas antes do nascer do Sol, quando ouviu os passos pesados dos seus homens de armas. Vinham cansados e vagarosos e, cobertos de sangue como estavam, atiravam-se para onde caíssem, fosse no chão ou nos bancos.

— Matámos o mor deles e o resto fugiu para as montanhas — disse o líder — mas não houve lugar onde não combatêsemos e deixámos muitos atrás de nós.

— Onde está Aodh? — perguntou uma das mulheres.

— Vi cortarem-lhe a cabeça com uma espada — disse o homem.

A rainha ergueu-se e saiu da sala silenciosamente. Atravessando o povoado, chegou até onde os seus cavalos estavam amarrados e pediu ao velho que tomava conta dos arreios e do carro que não contasse nada a ninguém e fosse com ela procurar um homem morto. Seguiram os dois pelo estreito caminho trilhado na floresta pelos saqueadores, ou pelos que há séculos os combatiam; e viram a luz das estrelas refulgir sobre os elmos



e as espadas dos mortos, perturbando as trevas que pareciam impregnadas de um sono mais antigo do que o mundo. Chegaram enfim à clareira onde o Povo do Saco lutara desesperadamente pela última vez antes da chacina. O velho amarrou as rédeas a uma árvore e acendeu uma tocha, e começou com a rainha a procurar entre os mortos. Os corvos, que despedaçavam os corpos, levantavam voo diante deles com um crocito rouco, e aqui e ali a luz das estrelas reluzia sobre um elmo ou uma espada, ou em poças de sangue, ou nos olhos dos mortos.

De repente, fez-se ouvir um cântico doce e trémulo, vindo de um arbusto perto deles. Precipitaram-se para o lugar de onde vinha o som e viram uma cabeça pendurada no arbusto pelos seus cabelos negros; e a cabeça cantava, e foi esta a canção que cantou:

Prendei o cabelo com um alfinete de ouro
E enrolai cada madeixa revolta;
Permiti ao meu coração estes pobres versos,
Trabalhei neles com sentido e devoção,
Construindo uma nostálgica beleza
Das batalhas de tempos submersos.

Só precisais de erguer a mão de pérola pálida
E enrolar vosso longo cabelo e suspirar;
E todos os corações dos homens batem e ardem,
E a espuma que se acende na areia cálida
E as estrelas no céu orvalhado a brilhar
Existem apenas para vossos passos iluminar.

E então um bando de corvos, mais pesados do que os fragmentos desse sono mais antigo do que o mundo, precipitaram-se das trevas e, ao passarem, bateram com as pontas das asas naqueles lábios extáticos; e a cabeça caiu do arbusto e rolou aos pés da rainha.